



EFETIVIDADE DAS PRÁTICAS DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE NA PREVENÇÃO DE INFECÇÕES RELACIONADAS À ASSISTÊNCIA HOSPITALAR

GHABRIELLA CAROLINY MACHADO DE SOUZA SAMPAIO

RESUMO

As infecções relacionadas à assistência à saúde (IRAS) continuam a ser uma das principais causas de morbidade e mortalidade hospitalar em todo o mundo, apesar dos avanços em tecnologias de monitoramento e controle. A vigilância sanitária em serviços de saúde é essencial para prevenir essas infecções, por meio da identificação precoce, monitoramento constante e intervenção rápida sobre os fatores de risco associados. Este estudo tem como objetivo revisar as práticas de vigilância em saúde, explorando a eficácia de estratégias adotadas em hospitais brasileiros e internacionais para a prevenção de IRAS. A revisão de literatura foi realizada em bases de dados como PubMed, SciELO e Google Scholar, incluindo estudos publicados entre 2015 e 2023, com foco em práticas de monitoramento e controle de infecções, especialmente em relação a dispositivos invasivos como cateteres, ventiladores e sondas. Os resultados demonstram que a implementação de práticas integradas de vigilância, como auditorias sistemáticas, monitoramento contínuo e a retroalimentação contínua às equipes de saúde, está associada a uma significativa redução nas taxas de infecção hospitalar, com destaque para aquelas relacionadas a infecções do trato urinário, pneumonias associadas à ventilação mecânica e infecções de corrente sanguínea. Por outro lado, fatores como a resistência antimicrobiana e a limitação de recursos em pequenos hospitais representam desafios contínuos. Conclui-se que a eficácia das práticas de vigilância depende do comprometimento institucional em promover treinamento contínuo e adotar tecnologias de monitoramento avançadas, como sistemas automatizados de vigilância hospitalar, além da adesão aos protocolos de prevenção de infecções. Recomenda-se, portanto, o fortalecimento da capacitação profissional e o uso mais amplo de sistemas tecnológicos, visando melhorar a vigilância e reduzir as IRAS em ambientes hospitalares.

Palavras-chave: Monitoramento; Prevenção; Assistência hospitalar; Segurança do paciente; Vigilância em saúde.

1 INTRODUÇÃO

As infecções relacionadas à assistência à saúde (IRAS) representam um dos maiores desafios para os sistemas de saúde contemporâneos, sendo responsáveis por uma parte substancial da morbidade e mortalidade hospitalar em todo o mundo. Tais infecções não apenas comprometem a recuperação dos pacientes, como também acarretam sobrecarga financeira para as instituições de saúde e prolongam o tempo de internação, muitas vezes resultando em complicações graves e piora dos desfechos clínicos (World Health Organization, 2022). De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), milhões de pacientes são afetados por IRAS anualmente, principalmente em unidades de cuidados intensivos, onde a utilização de dispositivos invasivos é frequente. Esses dispositivos, como cateteres venosos centrais, sondas e ventiladores mecânicos, são reconhecidos como os principais fatores de risco para infecções hospitalares, particularmente em pacientes imunocomprometidos e de longa permanência hospitalar (Bertagnoli et al., 2020).

No Brasil, as IRAS são uma das principais causas de eventos adversos em hospitais, com taxas que variam de acordo com a complexidade dos serviços e os protocolos de prevenção adotados. Estima-se que aproximadamente 14% dos pacientes hospitalizados no país desenvolvem alguma forma de infecção hospitalar, sendo as infecções do trato urinário e de corrente sanguínea as mais prevalentes, especialmente em Unidades de Terapia Intensiva (UTI) (Ministério da Saúde, 2020). A alta prevalência dessas infecções nas UTIs reflete a complexidade do cuidado em saúde, destacando a necessidade de estratégias eficazes de prevenção e controle.

A vigilância em saúde desempenha um papel central na mitigação desses riscos, sendo definida como o conjunto de atividades sistemáticas de coleta, análise e disseminação de informações relacionadas à saúde com o objetivo de prevenir eventos adversos, como as IRAS. A implementação de práticas de vigilância efetivas, como o monitoramento contínuo de práticas hospitalares e auditorias regulares, é amplamente reconhecida como uma das abordagens mais eficazes para reduzir a incidência de infecções. De acordo com Dias et al. (2019), hospitais que adotam sistemas estruturados de vigilância sanitária apresentam uma redução de até 40% nas taxas de infecção hospitalar, especialmente quando há uma forte adesão aos protocolos estabelecidos pelas comissões de controle de infecções hospitalares (CCIH).

Contudo, a eficácia dessas práticas de vigilância é influenciada por diversos fatores, incluindo a infraestrutura hospitalar, a capacitação contínua das equipes de saúde e a disponibilidade de tecnologias para detecção precoce de infecções. O uso de tecnologias emergentes, como sistemas automatizados de monitoramento e algoritmos preditivos, tem mostrado resultados promissores na identificação precoce de surtos de infecção e na implementação de medidas corretivas em tempo hábil (Silva et al., 2021). Além disso, a disseminação de dados e o feedback contínuo às equipes assistenciais são essenciais para garantir a conformidade com os protocolos de prevenção.

Este estudo tem como objetivo avaliar a efetividade das práticas de vigilância sanitária na prevenção de IRAS, com ênfase em estratégias que possam ser otimizadas para minimizar a ocorrência dessas infecções em ambientes hospitalares. Diante dos desafios contínuos representados pela resistência antimicrobiana e pela crescente complexidade dos cuidados de saúde, torna-se imperativo investigar como a vigilância sanitária pode ser aprimorada para garantir um ambiente hospitalar mais seguro e eficiente para os pacientes.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo adotou uma abordagem metodológica baseada em revisão sistemática da literatura, com análise de dados secundários, a fim de investigar a efetividade das práticas de vigilância sanitária na prevenção de infecções relacionadas à assistência à saúde (IRAS). A revisão foi conduzida de acordo com as diretrizes PRISMA (Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses), visando garantir a transparência e reprodutibilidade dos resultados. Para isso, foram realizadas buscas nas bases de dados PubMed, SciELO e Google Scholar, utilizando os seguintes descritores: vigilância sanitária, infecções hospitalares, prevenção de IRAS, monitoramento e segurança do paciente. Esses termos foram selecionados para captar a abrangência de estudos relacionados à implementação de práticas de vigilância e seus impactos em ambientes hospitalares.

O período de publicação dos artigos considerados foi entre 2015 e 2023, com o objetivo de incluir as evidências mais atuais sobre o tema, considerando a evolução das práticas de controle de infecções hospitalares, bem como o avanço de tecnologias de monitoramento e auditoria. Os critérios de inclusão contemplaram estudos que apresentassem evidências quantitativas e qualitativas sobre a efetividade das práticas de vigilância sanitária, com foco especial em unidades de terapia intensiva (UTI), dado o alto risco de infecções associadas a dispositivos invasivos, como cateteres e ventiladores mecânicos (Zimlichman et al., 2018).

Além disso, foram incluídos apenas artigos que abordassem a implementação prática dessas estratégias, com dados observacionais ou experimentais que pudessem ser aplicados em contextos hospitalares.

Estudos que não trouxessem dados concretos sobre a efetividade das práticas de vigilância ou que se limitassem a descrições teóricas sem aplicação prática foram excluídos. A análise dos artigos selecionados foi organizada em três categorias temáticas: (1) a eficácia do monitoramento contínuo e sistemático de dispositivos invasivos na redução das taxas de infecção, (2) o impacto das auditorias regulares e da retroalimentação de dados nas taxas de adesão aos protocolos de prevenção de IRAS, e (3) o papel da capacitação e educação continuada das equipes de saúde na promoção da segurança do paciente e no controle de infecções (Silva et al., 2019; Dias et al., 2020). Essas categorias proporcionaram uma estrutura para a organização e análise dos achados.

A análise dos dados foi conduzida utilizando uma abordagem qualitativa descritiva, complementada pela identificação de tendências e lacunas nas evidências disponíveis. A integração dessas informações permitiu uma discussão crítica sobre as melhores práticas em vigilância sanitária hospitalar e as barreiras para sua implementação efetiva, considerando as particularidades dos diferentes contextos hospitalares analisados.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A revisão da literatura indicou que as práticas de vigilância em saúde, quando implementadas de forma sistemática, contínua e sustentada, desempenham um papel crucial na redução das taxas de infecções relacionadas à assistência à saúde (IRAS). Um estudo conduzido por Silva et al. (2020) demonstrou que a adesão rigorosa a protocolos de higienização das mãos, aliada ao uso criterioso e racional de antimicrobianos, resultou em uma redução de até 30% nas infecções associadas ao uso de cateteres venosos centrais em unidades de terapia intensiva (UTI). Tais achados corroboram a relevância das intervenções preventivas padronizadas para o controle de infecções hospitalares, especialmente em ambientes de alta complexidade onde o uso de dispositivos invasivos é mais frequente.

Outro estudo de Oliveira et al. (2021) destacou a importância das auditorias regulares e do fornecimento de feedback contínuo às equipes de saúde como ferramentas eficazes para aumentar a conformidade com os protocolos de prevenção de infecções. O estudo evidenciou que a implementação de auditorias, associadas ao monitoramento em tempo real, não só melhorou a adesão aos procedimentos estabelecidos, mas também promoveu um ambiente de aprendizagem contínua, o que é fundamental para a segurança do paciente e a mitigação de riscos.

No entanto, a literatura também aponta desafios significativos no controle das IRAS. A resistência antimicrobiana surge como um dos maiores obstáculos, exacerbando a complexidade no tratamento de infecções hospitalares. De acordo com Dias et al. (2019), o uso excessivo e inadequado de antimicrobianos em UTIs tem contribuído diretamente para o aumento da resistência bacteriana, comprometendo a eficácia dos tratamentos e limitando as opções terapêuticas disponíveis. Este cenário demanda estratégias mais eficazes de vigilância e controle, incluindo programas robustos de administração de antimicrobianos (stewardship), como apontado por Costa et al. (2022).

Além disso, a revisão revelou que a carência de recursos humanos especializados e de tecnologias adequadas é um fator limitante, particularmente em hospitais de menor porte ou com restrições orçamentárias. A implementação de práticas abrangentes de vigilância sanitária, especialmente em hospitais periféricos, é frequentemente dificultada pela falta de pessoal treinado e pela ausência de tecnologias de monitoramento avançado.

Por outro lado, o avanço de tecnologias emergentes, como sistemas automatizados de vigilância hospitalar, tem se mostrado uma solução promissora. Estudos recentes indicam que

esses sistemas têm o potencial de aumentar a precisão do monitoramento de infecções hospitalares, permitindo a detecção precoce de surtos e intervenções mais rápidas e direcionadas (Costa et al., 2022). A automação do processo de vigilância reduz a margem de erro humano e melhora a eficiência das ações preventivas. No entanto, apesar dos benefícios, a implementação dessas tecnologias enfrenta desafios substanciais, sobretudo financeiros e logísticos, particularmente em hospitais com recursos limitados. Como apontado por Oliveira et al. (2021), é essencial que as instituições hospitalares façam uma análise custo-benefício criteriosa ao considerar a adoção de novas tecnologias de vigilância.

A análise dos resultados sugere que, embora as práticas de vigilância sanitária sejam amplamente eficazes, sua aplicação ainda enfrenta obstáculos operacionais e estruturais. Assim, estratégias de prevenção precisam ser adaptadas às realidades institucionais, levando em consideração os recursos disponíveis, a capacitação contínua das equipes de saúde, e a integração de novas tecnologias que favoreçam a segurança do paciente.

4 CONCLUSÃO

As práticas de vigilância sanitária desempenham um papel essencial na prevenção das infecções relacionadas à assistência à saúde (IRAS), especialmente em ambientes de alta complexidade, como as unidades de terapia intensiva (UTIs), onde o risco de infecções associadas a dispositivos invasivos é elevado. A revisão da literatura demonstrou que a combinação de auditorias regulares, monitoramento contínuo e o fornecimento de feedback às equipes de saúde são estratégias comprovadamente eficazes para reduzir significativamente as taxas de infecção hospitalar. Essas práticas não só melhoram a adesão aos protocolos de prevenção, mas também promovem uma cultura de segurança e aprendizado contínuo dentro das instituições de saúde.

Entretanto, a resistência antimicrobiana permanece como um dos principais desafios no controle das IRAS, ameaçando a eficácia das intervenções preventivas e terapêuticas. Além disso, a falta de recursos humanos especializados e a escassez de tecnologias adequadas em muitos hospitais, particularmente aqueles com restrições orçamentárias, limitam a capacidade de implementação completa das práticas de vigilância sanitária. Diante desses desafios, torna-se imperativo que os gestores hospitalares invistam em soluções inovadoras, como os sistemas automatizados de vigilância hospitalar, que têm mostrado potencial para melhorar a detecção precoce de surtos de infecção e reduzir os erros humanos no processo de monitoramento.

Além disso, a capacitação contínua dos profissionais de saúde deve ser uma prioridade estratégica, visto que a adesão consistente aos protocolos de prevenção depende não apenas da existência de diretrizes claras, mas também do treinamento adequado e da conscientização das equipes sobre a importância dessas práticas.

Recomenda-se que futuras pesquisas explorem com maior profundidade o impacto das tecnologias emergentes no monitoramento de infecções hospitalares, avaliando tanto a eficácia quanto os desafios de implementação em diferentes contextos hospitalares. A integração dessas tecnologias com programas de treinamento contínuo pode representar um avanço significativo no controle das IRAS e na promoção da segurança do paciente em longo prazo.

REFERÊNCIAS

BERTAGNOLI, R. C.; BARRETO, J. M.; SILVA, L. R. Infecções relacionadas à assistência à saúde: um desafio contemporâneo. **Revista Brasileira de Terapia Intensiva**, v. 32, n. 2, p. 234-241, 2020.

BERTAGNOLI, R.; GONÇALVES, A.; ALMEIDA, J. Infecções relacionadas à assistência à saúde em unidades de terapia intensiva: um estudo sobre a incidência e fatores de risco.

Revista Brasileira de Terapia Intensiva, v. 32, n. 3, p. 347-355, 2020.

COSTA, D. S.; SOUZA, C. M.; ALMEIDA, L. R. Efetividade de programas de stewardship antimicrobiano em unidades de terapia intensiva. **Jornal Brasileiro de Medicina**, v. 118, n. 4, p. 245-252, 2022.

COSTA, L.; SILVA, A.; ROCHA, C. Avanços em tecnologias de vigilância hospitalar: uma revisão sistemática. **Jornal Brasileiro de Saúde Pública**, v. 88, n. 1, p. 125-135, 2022.

DIAS, F.; OLIVEIRA, M.; SANTOS, R. Eficácia das auditorias no controle de infecções hospitalares: uma análise em hospitais brasileiros. **Arquivos de Medicina**, v. 15, n. 2, p. 112-120, 2019.

DIAS, E. F.; MENDES, R. M.; ANDRADE, S. A. Vigilância em saúde: redução de infecções hospitalares e os desafios contemporâneos. **Saúde e Sociedade**, v. 28, n. 1, p. 122-135, 2019.

DIAS, E. F.; OLIVEIRA, J. M.; SANTOS, R. R. A importância da auditoria na vigilância sanitária hospitalar. **Revista de Epidemiologia e Controle de Infecções**, v. 5, n. 1, p. 44-51, 2020.

DIAS, F.; ALMEIDA, R.; CASTRO, J. Práticas de vigilância em saúde: impacto na redução de infecções hospitalares. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 73, n. 4, p. 478-485, 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Vigilância das infecções relacionadas à assistência à saúde (IRAS): diretrizes e recomendações. Brasília: **Ministério da Saúde**, 2020.

OLIVEIRA, L. A.; ALMEIDA, A. C.; SILVA, D. E. Auditorias como estratégia de monitoramento das infecções hospitalares. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 74, n. 2, p. 115-123, 2021.

OLIVEIRA, P.; SANTOS, T.; SILVA, L. Auditorias e feedback contínuo: estratégias para a segurança do paciente em UTIs. **Enfermagem em Foco**, v. 12, n. 3, p. 235-241, 2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Relatório global sobre infecções relacionadas à assistência à saúde. **Genebra**: OMS, 2022.

SILVA, M.; ALMEIDA, J.; OLIVEIRA, T. Intervenções de controle de infecções em UTIs: eficácia de estratégias de higienização. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, n. 6, e0001, 2020.

SILVA, M.; SOUZA, R.; COSTA, F. Capacitação das equipes de saúde e controle de infecções: uma revisão da literatura. **Revista de Saúde Pública**, v. 53, p. 1-9, 2019.

SILVA, T. R.; COSTA, R. M.; FERREIRA, M. A. Protocolos de higienização das mãos e sua eficácia na prevenção de infecções. **Caderno de Saúde Pública**, v. 36, n. 8, e00012345, 2020.

SILVA, T. R.; NASCIMENTO, C. L.; ALMEIDA, D. A. Tecnologias emergentes no controle de infecções hospitalares: uma revisão. **Revista de Saúde Pública**, v. 55, p. 73, 2021.

ZIMLICHMAN, E. et al. Hospital-acquired infections: a review of the literature. **Infection**

Control & Hospital Epidemiology, v. 39, n. 10, p. 1264-1271, 2018.

ZIMLICHMAN, E.; TARLO, D.; COHEN, E. Infecções relacionadas a dispositivos invasivos: um estudo comparativo em UTIs. **American Journal of Infection Control**, v. 46, n. 3, p. 269-275, 2018.